

**50 ANOS DEDICADOS À PEDAGOGIA FREINET: UM ENCONTRO COM  
ROSA MARIA WHITAKER SAMPAIO**

**50 AÑOS DEDICADOS A LA PEDAGOGÍA FREINET: UNA REUNIÓN CON  
ROSA MARIA WHITAKER SAMPAIO**

**50 YEARS DEDICATED TO THE FREINET PEDAGOGY: AN ENCOUNTER  
WITH ROSA MARIA WHITAKER SAMPAIO**

Carolina Rodrigues CUNHA<sup>1</sup>  
Ivan FORTUNATO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho é o relato de uma conversa sobre Célestin Freinet que os autores tiveram com a professora Rosa Maria Whitaker Sampaio, uma das pioneiras a trabalhar com a Pedagogia Freinet no Brasil e uma de suas maiores defensoras. Trata-se de uma militante em favor da educação livre e colaborativa que há quase 50 anos vem batalhando pela educação escolar de qualidade. Neste artigo, Rosa compartilha seu “Mosaico de Vida Freinet”, o qual é iluminado pela teoria do próprio Freinet.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia Freinet. Mosaico de Vida. Educação.

**RESUMEN:** Este trabajo es el relato de una conversación sobre Célestin Freinet que los autores tuvieron con la maestra Rosa María Sampaio Whitaker, una de las primeras a trabajar con la pedagogía Freinet en Brasil y una de sus mayores defensores. Es una militante a favor de la enseñanza gratuita y de colaboración que ha estado luchando por la calidad de la educación a 50 años. En este artículo, Rosa comparte su “Mosaico de Vida Freinet”, que se ilumina por la propia teoría Freinet.

**PALABRAS-CLAVE:** Pedagogía Freinet. Mosaico de Vida. Educación.

**ABSTRACT:** This paper is the report of a conversation about Célestin Freinet that the authors had with the teacher Rosa Maria Whitaker Sampaio, one of the first to work with the Freinet Pedagogy in Brazil and one of its greatest advocates. She has been a militant in favor of free and collaborative education for nearly 50 years and has been battling for education quality. In this article, Rosa shares her “Freinet Life Mosaic”, which is illuminated by Freinet’s theory.

**KEYWORDS:** Freinet Pedagogy. Life Mosaic. Education.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Física pelo IFSP-Itapetininga. Email: profcarolrcunha@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela UNESP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais-UFABC, do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFSCar-Sorocaba e do IFSP-Itapetininga. Email: ivanfrt@yahoo.com.br.

## Introdução

No processo de aprendizagem, os métodos naturais asseguram a liberação da energia criativa e o respeito ao patrimônio cultural dos alunos e dos educadores (Folheto da Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna, 2006).

Motivados pela pedagogia de Célestin Freinet e a emblemática data do 50o aniversário de seu falecimento, o Grupo de Pesquisas de Formação de Professores para o Ensino Básico, Técnico, Tecnológico e Superior – o FoPeTec – do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Itapetininga elegeu este educador como símbolo para as discussões desenvolvidas no II Encontro de Práticas Pedagógicas, encontro anual que acontece no alvorecer da primavera.

No Brasil, o pensamento de Freinet foi se tornando notório graças aos trabalhos de uma professora de artes que sempre soube que crianças leem, escrevem e pintam. Essa professora é Rosa Maria Whitaker Sampaio, a Rosa, formada na Belas Artes de Campinas e militante no movimento da Escola Moderna desde os anos 1970. Rosa é membro da Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet (REPEF), filiada à Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (FIMEM). Essa federação foi fundada pelo próprio Célestin Freinet, em 1957, e tornou-se uma associação internacional que reúne educadores engajados com a perspectiva da educação popular, cooperativa e natural.

Assim, tendo Freinet como denominador comum, ela foi procurada por nós, por e-mail. De imediato ela respondeu, feliz, porque há gente trabalhando com os ideais de texto e escrita livres e a pedagogia cooperativa. Não obstante, Rosa registrou que a idade avançada lhe impedia de participar ao vivo, mas que estava disposta a colaborar com nossos esforços. Assim, poucos e-mails depois, nosso primeiro encontro estava marcado. Ela nos recebeu em sua casa, entusiasmada por poder falar sobre sua vida como educadora. E ela nos contou como tudo começou...

Nos anos 1970, ano internacional do livro, Rosa foi laureada com o prêmio “Paz na Terra”, promovido pela UNESCO, por conta de sua obra “Paz - Guerra”, um livro cujo subtítulo é “textos e desenhos elaborados por crianças de seis a dez anos” (figura 01). Trata-se de uma antologia de ilustrações e escritos, fruto de seu trabalho como arte-educadora (figura 02). Segundo suas próprias palavras<sup>3</sup>, o livro resultou dos trabalhos realizados com quatro classes de crianças de seis a dez anos, realizados ao longo de três

<sup>3</sup> Em depoimento dado aos autores em sua residência em São Paulo, no dia 21 de abril de 2016.

meses, no qual cada classe “fazia o que queria”, sendo tudo sobre guerra e paz. Para participar da premiação, a professora montou o livro sozinha, fazendo a capa de cartolina e encadernando os textos e as ilustrações das crianças com três bailarinas – “fiz o que pude”, afirmou, esclarecendo que o livro não foi julgado por sua estética, mas porque ficou evidente que criança também sabe escrever; e ilustrar.

**Figura 01:** Páginas do livro Paz - Guerra.



Fonte: Fotografias do próprio livro por Carolina R. Cunha.

**Figura 02:** Rosa Maria e alguns de seus alunos no início dos anos 1970.



Fonte: acervo pessoal de Rosa Maria.

Em seu depoimento, Rosa nos confessou que ainda não tinha ouvido falar em Freinet quando realizou este trabalho, mesmo já lecionando de acordo com seus pressuposto. Foi por causa do seu livro e do notório prêmio que ela conheceu Michel Launay, que lhe perguntou se ela trabalhava com a pedagogia Freinet, pois as crianças que estudam com essa pedagogia que fazem livros. Nessa época, Launay estava dando um curso sobre pedagogia Freinet para o ensino de letras na USP, e convidou Rosa para

participar. Havia dez alunas no curso, e foram elas que iniciaram a rede Freinet em São Paulo. Assim, foi com Launay que Rosa conheceu a Escola Moderna e todos os predicados de uma pedagogia mais sensível. De imediato, Rosa se apaixonou pelo Movimento, pela teoria e pela prática e, com isso, teve mais certeza ainda de que amava sua profissão. Em pouco tempo, conseguiu contagiar outros tantos professores interessados no trabalho livre e cooperativo, ajudando a disseminar a Pedagogia Freinet nas escolas de São Paulo. A Rede tornou-se efetivamente Movimento Escola Moderna no Brasil quando o grupo paulistano se juntou com um grupo nordeste e outro do sul na cidade de Florianópolis, no ano de 1989.

Esse dia de estar com a Rosa foi muito mais que um mero encontro entre três educadores, no qual os mais jovens estavam dispostos a aprender com a larga experiência de Rosa Maria, pois o momento havia até mesmo sido batizado de “Meu Mosaico de Vida Freinet”. O nome sugerido por ela não foi mero acaso, pois na mesa de jantar havia algumas dezenas de livros, revistas, scrapbooks, apostilas, folhas avulsas... enfim, um cabedal de textos e ilustrações empilhado e organizado, denotando o quanto ela havia se preparado para receber duas pessoas interessadas em sua vida e obra (figura 03). Começamos pelo livro “Paz - Guerra”, pois este teria sido, segundo a própria Rosa, “o princípio de tudo”.

**Figura 03:** Mosaico de Vida Freinet de Rosa Maria.



Fonte: Foto - Carolina R. Cunha, 21 abr. 2016.

Durante a tarde de conversas, Rosa mostrou materiais de décadas passadas sobre educação de crianças e adultos, na sua maioria em francês. Muitos desses materiais foram adquiridos por conta do Encontro Bienal da Reunião Internacional dos Educadores Freinet (RIDEF), evento promovido desde 1968, para reunir, cada vez em um país diferente, educadores do mundo inteiro dispostos a compartilhar conhecimentos sobre a Pedagogia Freinet. Trata-se de um encontro de educadores para educadores no



qual se realizam rodas de conversa, oficinas breves e ateliês de uma semana, compartilhando, entre si, formas de educar pelo texto, pela ilustração ou por meio de qualquer outra forma de expressão, balizadas pelo ensino livre e colaborativo – dois predicados fundantes do pensamento educacional de Célestin Freinet.

Com muito entusiasmo e orgulho, Rosa se levantou e colocou em nossa frente um lindo scrapbook de autoria própria, com fotos, cartões postais e legendas sobre o Encontro de 2004, realizado em Hannover, na Alemanha (figura 04). As atividades desenvolvidas foram os “ateliês” da Pedagogia Freinet sobre temas variados, como culinária, dança jogos etc. Além de aprender mais sobre a pedagogia da cooperação, aprendia-se novos idiomas e culturas de outros países. A saudade daquele tempo estava nítido em Rosa, mas a vontade de (nos) ensinar tudo o que aprendeu era maior, logo partindo para outros materiais disponibilizados na mesa de sua sala, na forma de seu “Mosaico de Vida Freinet”.

**Figura 04:** Páginas do scrapbook da participação de Rosa em Hannover.



Fonte: Foto - Carolina R. Cunha, 21 abr. 2016.

Em sua trajetória como educadora, Rosa acreditou e sempre exercitou a educação livre nos modos de Freinet, da mesma maneira que o próprio educador havia pensado e praticado desde o primeiro quartil do século passado. Apesar de quase centenária, essa pedagogia ainda não está presente nas escolas, de maneira geral, pois estas estão impregnadas pelo tradicionalismo. Como diz uma de suas invariantes pedagógicas: se os professores não assumirem o papel de superiores, como chefes, mas olharem seus alunos como homens e crianças, sujeitos da mesma natureza que eles, a interação entre aluno e professor não será comprometida pela marca de autoridade da velha escolástica. Assim, a escola pensada por Freinet não trata da mera transmissão

verbal de conhecimentos doutrinários que devem ser memorizados, reproduzidos e esquecidos, mas de uma escola organizada pelos próprios estudantes, na qual aprender começa sempre pela tentativa de se fazer algo. Eis a “tentativa experimental” da pedagogia de Freinet, que foi muito bem delineada pelas palavras de Marisa Elias (2001):

A escola e os professores não podem mais se contentar em comunicar conhecimentos exigindo somente compreensão e memorização; devem proporcionar a tentativa experimental das crianças em todos os domínios, o que supõe atitude totalmente diferente, verdadeira reeducação. Uma atitude decidida de estudo, de preparo para ultrapassar barreiras e construir os degraus garantirá que seu aluno chegue sem fracassos ao objetivo. Por envolver a experiência, a pesquisa, a reflexão e a própria investigação científica, o tratamento experimental respeita o ritmo de cada aluno, seus ensaios e erros (Elias, 2001, p. 60).

O que muitos educadores desconhecem é que a educação livre e o ensino pela tentativa experimental estão diretamente relacionados com a vida social, com autonomia e a prática da liberdade. As atividades realizadas devem ser organizadas segundo os desejos e necessidades dos alunos, para, assim, agirem livremente, construindo seu próprio conhecimento. Por isso, Freinet sempre afirmou que as regras escolares, atividades e métodos avaliativos devem ser de escolha dos alunos.

Freinet era do campo e aprendeu muito sobre a vida com o ofício de pastor de rebanhos, principalmente sobre o método natural de educação. Para que o rebanho não se perdesse, fosse atacado ou roubado, ele tinha que cuidar atentamente dos animais. Quanto mais ele se importava em conhecer o comportamento de cada animal, mais alcançava seus objetivos de pastor, deixando-os livres para serem quem eram. Michel Launay (apud Sampaio, 1989, p. 107) escreveu que tudo que Freinet fazia era respeitar a personalidade de seus estudantes que eram, tal qual o próprio educador, “gente que gostava de correr nas montanhas, que não gostava de ficar numa sala de aula, querendo muitas coisas da natureza”.

Por isso, para Freinet (2004) existe a necessidade de se colocar em prática uma pedagogia do bom-senso. Nesta, “técnica e ciência” e “simplicidade e bom-senso” não se contradizem, mas complementam-se. Para o educador, os saberes de um pastor valem tanto quanto, senão mais, do que as definições científicas de “sábios”. Afirmou que um pastor saberá, com simplicidade e bom-senso, explicar as técnicas que descobriu para exercer determinado ofício, mas à procura de repassar este conhecimento e descobrir as

leis da vida. Essa postura pedagógica difere daquela que se limita a expor conteúdos ditos como verdade absoluta, levando os alunos a se questionarem “por que e pra que aprender isso?”, priorizando a obediência ao professor.

Dessa maneira, na Pedagogia Freinet, os alunos não se submetem ao trabalho imposto pela escola, pois são encorajados a descobrir as respostas de suas indagações por si próprios. Essa é a ideia de autodisciplina, na qual não existem os constrangimentos do aprendizado imposto. Dessa forma, uma aula Freinet não é marcada pela frequente dispersão entre os alunos, sendo visível a vontade de aprender e o prazer em colaborar com seus colegas, facilitando o intercâmbio de saberes. Eis o princípio cooperativo da educação, no qual aquele que sabe compartilha e aquele que não sabe pode sentir-se livre para perguntar e aprender. A diretora Maria Inez Americano (apud Sampaio, 1989, p. 112), ao falar sobre sua “Escola Viva” e a escolha de Freinet para condução dos trabalhos educativos, mencionou que é possível abordar grande variedade de temas de interesse sem qualquer imposição, pois “qualquer coisa trazida de casa dá origem a um tema e desencadeia um trabalho”. Com isso, essa diretora ratificava a necessidade da organização na escola, sendo essa elaborada pelos alunos para os próprios alunos. Ao participar ativamente da organização, as regras passam a ser elaboradas coletivamente, possibilitando que essas sejam respeitadas – sem este tipo de organização não há espaço para autonomia.

Na Pedagogia Freinet, os conteúdos também são indispensáveis, pois eles só se tornam indiferentes quando o aluno é obrigado a aprender algo que ele não quer. “Para Freinet”, escreveu Elias (2001, p. 46), “os conhecimentos, as explicações, as lições só tem valor, se ligadas às experiências pessoais”. Ensinar algo à força é tão inútil e exaustivo quanto forçar um cavalo sem sede a beber água. Se o aluno não tem sede de conhecimento, de nada adianta tentar forçar o aprendizado... “Educadores, vocês se encontram numa encruzilhada”, afirmou Freinet (2004, p. 18), “não insista numa pedagogia do cavalo que não tem sede... Caminha ousada e sabiamente para a pedagogia do cavalo que galopa pelos campos e depois vai buscar a água para matar a sede”. Os alunos da Pedagogia Freinet não são preparados para permanecerem passivos diante aos conteúdos escolares, pois as técnicas – tais como a aula-passeio, a correspondência escolar e o livro da vida – os colocam em contato com seu próprio mundo. As inquietações emergem da própria vida cotidiana e, delas, a “sede por saber”. Além disso, Freinet (2004) reconhecia os seres humanos como seres da natureza, pelo comportamento semelhante, em diversos aspectos, aos dos animais e das

plantas. Por isso, o educador comparou a ideia do crescimento de uma árvore e nascimento de seus frutos com o aprendizado de uma criança. Se aqueles que se dizem sábios adicionam substâncias em uma árvore durante seu crescimento para resultar em frutos vistosos, irão colher frutos venenosos e a árvore apodrecerá. Sábio mesmo é aquele que seleciona a semente correta, tem paciência, conhece e cuida da árvore conforme sua necessidade, resultando em frutos saudáveis e em abundância. Isso reforça a ideia de que impor regras e forçar o aluno a aprender algo que ele não quer e não entende seu fundamento, é tão apropriado e eficaz quanto esperar um cavalo sem sede beber água.

Ao longo de nosso encontro, Rosa nos contou que apesar de ela ter obtido resultados maravilhosos com sua prática de ensino livre, eles foram resultados de muita dedicação e esforço. Mesmo assim, não é possível realizar a Pedagogia Freinet perfeitamente. De acordo com Barré (2000), nem mesmo o próprio Freinet foi perfeito, pois para ele sua pedagogia não se tratava de um “enquadramento obrigatório”, mas de uma constante busca. Se educadores diferentes atuam em meios diferentes, com crianças diferentes, é preciso adequar a pedagogia à cada diferença. Isso porque não existe um modelo, sendo as regras flexíveis. Assim, seguindo seu “Mosaico”, Rosa anotou que apesar da dedicação para exercer a Pedagogia Freinet, não é preciso ter conhecimento absoluto sobre ela. Se a ideia dessa educação for aceita tanto pelo professor quanto pelos alunos, a motivação pelo trabalho educativo emerge e torna-se visível. Se a tentativa de sua prática for constante, sempre em busca de aprender mais sobre, em contato com outros grupos que a praticam, será o bastante para obter os resultados esperados pela pedagogia do bom-senso de Freinet. A tentativa deve ser persistente, pois, inevitavelmente haverá dificuldades e erros, até conseguir ajustar-se e adequar-se aos alunos e suas necessidades e interesses.

Todo o material disponibilizado por Rosa era riquíssimo, não apenas pelo conteúdo variado, mas especialmente porque nela tinha toda uma vida de experiências docente e de militância na Pedagogia Freinet. Mas, a tarde ia dando lugar à noite, indicando que o tempo de conversa estava se encerrando. Mas, ainda houve tempo para que aprendêssemos um pouco mais com as vivências de Rosa a respeito das técnicas de Freinet. Assim, ela pode nos contar sobre mais sobre a “aula-passeio”, técnica pensada por Freinet quando percebeu que o interesse do aluno não estava dentro da sala de aula, mas fora dela, onde a vida acontece. “Nas classes Freinet”, escreveu Rosa (1989, p. 181), há que se permitir e instigar o desejo de “sair simplesmente por prazer, pela



curiosidade e interesse e não pela obrigação estabelecida pelos objetivos educacionais da escola”. Uma de suas experiências com essa técnica foi realizada com seus alunos do ensino fundamental (para os quais lecionava português) em um parque, longe das paredes da sala de aula. Ali, em roda, conversaram sobre a relação sociedade-natureza e as mais diversas formas de organização da vida coletiva e colaborativa. Depois de breve bate-papo, Rosa convidou as crianças a passearem pelo lugar, olhando atentamente para tudo. Quando estivessem satisfeitos ou fisicamente cansados, deveriam trazer algo do próprio lugar que representasse, para si, o significado daquele passeio – tendo sido essas as duas únicas “regras” da atividade, conduzida de forma a instigar o desejo por explorar a natureza. Cada estudante poderia trazer folhas, flores, grama, enfim, uma pequena recordação do passeio, mas todos deveriam atentar-se para não ferir o natural, ou seja, não poderia se trazer uma flor, folha ou galho arrancado à força, ou um animal vivo etc. Ao retornarem, um a um, os alunos colocaram no centro da roda sua contribuição para, cooperativamente, comporem um quadro único, capaz de retratar os significados e os valores do momento daquela aula em que tão somente se passeou. Rosa registrou a criação dos alunos e a imagem dessa bela criação em conjunto foi a última que vimos nessa tarde de ouvir e aprender sobre Freinet (figura 05).

**Figura 05:** O resultado de uma aula-passeio freinetiana por Rosa Maria.



Fonte: Foto - Carolina R. Cunha, 21 abr. 2016.

Ao final, essa tarde de aprendizado com a Rosa foi mais que suficiente para nos dar pistas de como colocar em movimento as ideias de Freinet. Ao tomarmos contato com seu “Mosaico de Vida”, ela tornou palpável os quatro eixos fundantes da Pedagogia Freinet, conforme Elias (2001, p. 40): a cooperação, a comunicação, a documentação e a afetividade. Cooperar é a construção social e colaborativa do conhecimento e das práticas da escola. Comunicar é a ação de compartilhar o aprendido com os colegas e toda comunidade. Documentar é registrar, pela livre expressão, as descobertas. E a afetividade é o elo emocional e solidário que une as pessoas, sendo essa expressa por uma palavra de conforto, um abraço, um sorriso... como fez Rosa ao abrir as portas de sua casa e nos receber, com bolo e sorvete, para tão somente narrar a dois jovens professores toda sua história de vida profissional, na esperança que o legado de Freinet prospere.

### Referências

- BARRÉ, Michel. **Freinet or not Freinet**. Trad. Rosa Maria Whitaker Sampaio. Le Nouve Educateur, n. 117, 2000.
- ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom-senso**. Trad. J. Batista. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

### Como referenciar este artigo

CUNHA, Carolina Rodrigues.; FORTUNATO, Ivan. 50 Anos dedicados à pedagogia Freinet: um encontro com Rosa Maria Whitaker Sampaio. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p.554-563, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.1.2017.9661>>. E-ISSN: 1982-5587.

**Submetido em:** 09/03/2017

**Aprovação final em:** 10/04/2017